



Fotos: Antoninho Perri



A engenheira da computação Lara Schibelsky Godoy Piccolo: interação com a população

Nas bancas

Engenheira desenvolve sistema de governo eletrônico para TV digital

RAQUEL DO CARMO SANTOS
kel@unicamp.br

Uma aplicação de governo eletrônico para a TV digital foi desenvolvida pela engenheira da computação Lara Schibelsky Godoy Piccolo em dissertação de mestrado apresentada no Instituto de Computação (IC). A partir do protótipo é possível, por exemplo, que a população opine sobre o desempenho de uma administração municipal. Mas nada impede, segundo Lara, que a interatividade proposta seja usada para outros setores como educação, comércio e bancos.

A importância do estudo desenvolvido pela engenheira da

computação reside justamente em identificar algumas das principais questões que um designer encontrará ao projetar uma interface de usuário para a população brasileira. Ela identificou alguns parâmetros importantes como escolha de fontes, combinação de cores, tamanho da tela e design. “Como a regulamentação da TV digital não está pronta, existem muitas perguntas a serem respondidas, mas o projeto segue na proposta de avaliar o interesse da população em experimentar a interação na TV”, destaca Lara, que teve a orientação da professora Maria Cecília Calani Baranauskas.

A pesquisa contemplou ainda

uma segunda etapa de testes que foram realizados no município de Barreirinhas, no Maranhão. Cinco grupos, totalizando 30 pessoas entre crianças, adolescentes, adultos e idosos tiveram a oportunidade de manusear o sistema pelo controle remoto da TV, respondendo às questões e opinando sobre a administração municipal. A ideia, revela Lara, foi criar um ambiente em que as pessoas pudessem se manifestar para que a interatividade fosse caracterizada de maneira coletiva.

Barreirinhas foi a cidade escolhida para o estudo por fazer parte de um projeto de sistema de

TV interativa, financiado pela União Européia, que visa estabelecer uma integração entre Itália e Brasil. O município, que dá apoio aos turistas que visitam os Lençóis Maranhenses, possui um dos índices de desenvolvimento humano mais baixos do país, e receberá apoio operacional para a produção de conteúdo para TV digital.

A engenheira da computação observou ao longo da pesquisa que a interatividade da população foi surpreendente. Um dos integrantes mais velhos do grupo, um senhor de 86 anos, se mostrou bastante motivado em participar da experiência e não demonstrou nenhum tipo de resistência em

relação à tecnologia. Até mesmo os voluntários que não sabiam ler quiseram se expressar com o auxílio de outros.

Lara acredita que o efeito deve-se ao fato de que a TV já está incorporada na cultura do brasileiro e, por isso, a interatividade deverá acontecer de forma natural, ao contrário do que ocorre com o computador. Para que isso aconteça, as interfaces de usuário para a TV interativa devem ser projetadas levando em conta as necessidades de grande parte da população, que não tem familiaridade com a tecnologia. Para a pesquisadora, elas devem ser simples, convidativas e auto-explicativas.

Deterioração de museu é tema de pesquisa no IA

Cerca de 70% do acervo do Museu da Cidade de Campinas, localizado ao lado da Estação Cultural, está interdito por necessidade de restauro. O quadro se arrasta há pelo menos dez anos sem uma proposta legítima de recuperação de um dos patrimônios mais importantes do município. “O Museu da Cidade perdeu, ao longo dos anos, a finalidade para a qual foi criado. Sua premissa deveria ser a coleta, a pesquisa, a preservação e a difusão da história e cultura da cidade, assim como fomentar fóruns e debates sobre os problemas e as possibilidades da cidade contemporânea. Nada disso ocorre. No máximo, acontecem exposições esporádicas emprestadas de outros setores e instituições que não refletem a sua principal missão”, denuncia a artista plástica Luciana Dultra Britto, que apresentou dissertação de mestrado no Instituto de Artes (IA) sobre o tema.

O Museu da Cidade de Campinas foi um dos pioneiros do país com a proposta de ser um centro especializado em história e cultura urbana. Foi inaugurado em 1992, quando o então Secretário Municipal de Cultura, o historiador Célio Turino, idealizou um museu que tratasse do contexto urbano. Reuniram, na época, três acervos que estavam no Bosque dos Jequitibás que significaria a inclusão da diversidade cultural, social e étnica de Campinas no espaço museológico. São eles o Museu do Índio, o Museu do Folclore e da História de Campinas. De lá pra cá, no entanto, várias iniciativas foram realizadas, sem que a proposta inicial fosse contemplada.

Depois de várias visitas ao local, Luciana, que foi orientada pela professora Maria José de Azevedo Marcondes, apurou que as peças do Museu nunca passaram por uma recuperação e, com isso, foram se deteriorando com o tempo. “O Museu não possui reserva técnica, local adequado para guarda e manutenção do acervo e nunca teve um museólogo, profissional responsável por pesquisar sentidos e significados do acervo para elaborar novas concepções



A artista plástica Luciana Dultra Britto: “O Museu da Cidade perdeu, ao longo dos anos, a sua finalidade”

de exposição e estabelecer uma comunicação entre o objeto e o visitante do museu”, destaca a artista plástica que por dez anos esteve à frente das atividades do Itaú Cultural.

Ela salienta ainda que não existe perspectiva de um plano estratégico capaz de revitalizar as atividades do museu, bem como realizar a restauração do acervo para torná-lo disponível à população, que mal freqüenta o espaço. “Pelo grau de degradação o volume de recursos necessários seria muito grande. Acho difícil conseguir uma solução equilibrada para o problema”, avalia.

Luciana Britto destaca que existem 12 museus na cidade de Campinas e todos de administração pública municipal. No entanto, as ações mais visíveis contemplam, apenas, o Museu de Arte Contemporânea, localizado ao lado da Prefeitura e, ainda assim, observa, este atua como uma galeria para exposições de arte moderna e não como um centro de pesquisa de arte contemporânea. Em sua opinião existe também uma falta de integração entre os museus. “Eles não trabalham de forma colaborativa e um ignora a existência do outro”. (R.C.S.)



A arquiteta Loyde Vieira de Abreu: peculiaridades do microclima urbano

As árvores e a sensação de conforto térmico

O que era apenas uma intuição foi comprovado cientificamente: em dias de sol pleno, a sensação de conforto térmico em áreas externas próximas às árvores é muito melhor do que naquelas em que não há vegetação nas proximidades. A dissertação de mestrado desenvolvida na Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo (FEC) pela arquiteta Loyde Vieira de Abreu constatou que a sensação de bem-estar ocorre mesmo fora da sombra oferecida pela copa da árvore, numa distância entre 10 e 15 metros do tronco, fato que, segundo a pesquisadora, era desconhecido na literatura.

Loyde explica que a sensação agradável na sombra de uma árvore já foi, inclusive, comprovada por métodos científicos. Neste sentido, o estudo buscou identificar o raio de influência no conforto térmico alcançado por espécies comuns encontradas em Campinas. “Existem poucos dados conhecidos sobre os benefícios trazidos pelas árvores e grupos de árvores nesta área. Por isso, quis entender como se comportam as diferentes espécies no microclima urbano, em razão de suas características morfológicas”, esclarece.

Orientada pela professora Lucila Chebel Labaki, Loyde fez várias medições de temperatura e umidade, utilizando aparelhos como solarímetro e globo de cobre pintado de cinza. Isto para aferir o efeito da sensação térmica simulando uma pessoa fazendo caminhadas leves com roupas também leves.

O estudo contemplou o ipê-amarelo, o jacarandá mimoso, a chuva de ouro, o jambolão e a mangueira. Para cada uma das espécies, ela permaneceu três dias, das 6 horas da manhã até as 18 horas, para conseguir parâmetros ideais de avaliação. Para as conclusões sobre a sensação térmica, Loyde utilizou como base a zona de conforto tridimensional feita para a cidade de Campinas por pesquisadores da própria FEC. Ela mediu ainda as sensações para distâncias entre 10, 25 e 50 metros e distâncias menores a cada 2,5 metros até 15 metros. Pelos cálculos, em um raio de 50 metros praticamente não teve nenhuma influência térmica.

Outro aspecto do trabalho foi a análise do ciclo hidrológico a partir da evapotranspiração, ou seja, a capacidade de transformar água em vapor, ocorrendo como consequência a termo-regulação do ambiente de maneira natural. Com isso, a pesquisa também calculou a média de consumo de água pelas árvores estudadas. O jambolão, por exemplo, consome 100 litros de água por dia e a chuva de ouro, apenas 30. O estudo foi financiado pela Fapesp. (R.C.S.)